

# INFORME

INFORMATIVO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS Nº 53 SETEMBRO E OUTUBRO DE 2009



## 3 - ENTREVISTA

COM O PROFESSOR DOUTOR ULPIANO T. BEZERRA DE MENESES (DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA)

Do professor Ulpiano T. Bezerra de Meneses – docente titular, aposentado, do Departamento de História e Professor Emérito da Faculdade – que gentilmente nos concedeu esta entrevista/depoimento, não é preciso dizer muito para destacar a importância de sua contribuição, pioneira, nos campos da arqueologia clássica e brasileira, da história da arte e da cultura material em nossa universidade e no país. Basta lembrar que criou a pós-graduação em arqueologia na USP, que escreveu textos seminais nas áreas mencionadas e que ministrou, por mais de quarenta anos, aulas e disciplinas que, só os que tiveram o privilégio de assisti-las, e felizmente foram muitos, podem saber – e lembrar – como foram memoráveis.

**INFORME - Que condições de trabalho caracterizavam o Departamento de História, quando do início de sua atividade docente de História Antiga?**

**UTBM -** O que eu posso dizer, numa ótica essencialmente autobiográfica (e longe de um propósito de balanço historiográfico), tem de início uma referência particular ao Prof. Eurípedes Simões de Paula e eu não poderia deixar de falar dele mais longamente.

Cursei Letras Clássicas na Maria Antonia. No currículo havia uma disciplina de “História Greco-Romana”, então ministrada pelos professores Eurípedes e Paulo Pereira de Castro. Como o Prof. Eurípedes estava na direção da Faculdade (a antiga FFCL), não tive contato pessoal com ele. Isto só veio a acontecer mais tarde. Eu estava em Atenas, como membro estrangeiro da missão arqueológica francesa na Grécia (a Escola Francesa de Atenas), depois de dois anos na França,

para onde fora enviado por outra figura carismática, o francês Robert H. Aubreton, que ensinava o grego entre nós e que pretendia garantir sua descendência quando nos deixasse. Pelo gosto que eu demonstrava por estudos de “civilização” (como então se dizia), ele me sugerira uma formação em Arqueologia. Em 1963, a meio ano de minha defesa de tese na Sorbonne, recebi em Atenas uma carta do Prof. Eurípedes com um convite para ser seu assistente de História Antiga. A cátedra estava então em pleno vigor. Paralelamente, fui convidado a participar do projeto de criação do Museu de Arte e Arqueologia (mais tarde Museu de Arqueologia e Etnologia), idéia de Ciccillo Matarazzo, encampada por Eurípedes, que presidia a comissão de organização – e fui então incumbido de uma viagem à Itália para ajudar na seleção das 549 peças que constituiriam o acervo inicial, fruto de um intercâmbio com museus italianos.

Tais convites parecem hoje inimagináveis. Pois se tratava de uma oferta de carreira pela qual eu não precisaria batalhar anos a fio e com tantos percalços, como acontece agora, com esperas intermináveis e concursos concorridíssimos. (Somente depois da Livre-Docência, aliás, é que prestei o indispensável concurso de ingresso na carreira docente). Com efeito, o catedrático tinha competência para organizar sua equipe – só que respondia por ela a todos os respeitos. Por isso, não podia limitar-se a relações pessoais (comigo ainda inexistentes) e precisava estar alerta para tudo que pudesse favorecer a organização do corpo de assistentes e sua atuação.

Quando cheguei, em março de 1964 (momento

**EXPEDIENTE**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**REITORA:**

Profa. Dra. Suely Vilela

**VICE-REITOR:**

Prof. Dr. Franco Maria Lajolo

FACULDADE DE FILOSOFIA,  
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**DIRETORA:**

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

**VOCE-DIRETOR:**

Prof. Dr. Modesto Florenzano

**COMITÊ EDITORIAL DO INFORME:**

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini (DTLLC), Prof. Dr. Modesto Florenzano (DH), Prof. Dr. Cicero Romão Resende de Araújo (DCP), Prof. Dr. Moacyr Ayres Novaes Filho (DF), Prof. Dr. João Roberto Gomes de Faria (DLCV) e Sra. Eliana Bento da Silva AmatuZZi Barros (Membro Assessor).

**SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL****COORDENAÇÃO:** Eliana B. da S. A. Barros - MTb. 35814**DIRETOR TÉCNICO DE SERVIÇO:** Dorli H. Yamaoka - MTb. 35815**TÉCNICO:** Sílvio C. Tamaso D'Onofrio**MONITORIA:** Priscilla Vicenzo da Silva**ESTÁGIO:** Laís Lucas Moreira, Renato Santino e Roberta Cyrillo**ESTA EDIÇÃO****COORDENAÇÃO:** Eliana B. da S. A. Barros**DIAGRAMAÇÃO:** Dorli Hiroko Yamaoka**REDAÇÃO E REPORTAGEM:** Laís Lucas Moreira, Priscilla Vicenzo da Silva e Renato Santino**REVISÃO:** Priscilla Vicenzo da Silva**IMPRESSÃO E ACABAMENTO:** Gráfica da FFLCH**TIRAGEM:** 1200 exemplares

# Sumário

3 - ENTREVISTA .....	1
COM O PROFESSOR DOUTOR ULPIANO T. BEZERRA DE MENESES (DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA)	

**ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO**

O vestibular na FFLCH: bem antes da FUVEST .....	6
POR PRISCILLA VICENZO	

ENTREVISTA COM OS PROFESSORES RAINER SCHMIDT E HELMUT GALLE .....	7
POR LAÍS LUCAS MOREIRA	

SEÇÃO TÉCNICA DE INFORMÁTICA PROPÕE PROJETO À DIRETORIA DA FFLCH .....	9
POR AUGUSTO CESAR FREIRE SANTIAGO	

ANDAMENTO DA REFORMA DOS PRÉDIOS .....	10
POR RENATO SANTINO	

FFLCH CRIA COMISSÃO PARA OTIMIZAR OBRAS DA UNIDADE .....	10
POR RENATO SANTINO	

**PREMIAÇÃO**

PROF. DRA. ÂNGELA ALONSO .....	10
PRÊMIO: BOLSA PRÊMIO DA FUNDAÇÃO MEMORIAL JOHN SIMON GUGGENHEIM	

SÉRGIO ADAS .....	11
PRÊMIO CAPES DE TESES 2008 EM GEOGRAFIA E GRANDE PRÊMIO CAPES DE TESE "MARIO PEDROSA" CIÊNCIAS HUMANAS, CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E LINGÜÍSTICA, LETRAS E ARTES .....	11

ANA CLAUDIA MOREIRA CARDOSO .....	12
PRÊMIO CAPES DE TESES 2008 EM SOCIOLOGIA	

BEATRIZ PROTTI CHRISTINO .....	14
MENÇÃO HONROSA NO PRÊMIO CAPES DE TESES 2008 EM LETRAS / LINGÜÍSTICA	

PRODUÇÃO DA FACULDADE .....	15
-----------------------------	----

tenebroso), ele deu-me carta branca para elaborar os programas, mas se interessou minuciosamente por minhas propostas.

O comportamento do Prof. Eurípedes permite um contraponto significativo com os dias de hoje na Faculdade e no Departamento. É claro que estou falando do prestígio patriarcal de um dos fundadores da Seção (hoje Departamento) de História e um dos diretores marcantes da FFCL. Mas era um tempo em que as disciplinas tinham eixos de integração interna, em que havia discussões sobre seu papel na formação do aluno, distribuição de tarefas. Tempo em que se discutia, precisamente, o aproveitamento das turmas, a solução conjunta de problemas e dificuldades, os critérios de aprovação e assim por diante – sem afetar a liberdade intelectual dos docentes. Era também um tempo em que o Departamento tinha mais clareza sobre o perfil pretendido para seus egressos. (Por certo, a situação era bem mais administrável, a começar pelo número reduzido de alunos).

A cátedra desapareceu com a reforma universitária de 1969, diluída nas chamadas áreas, algumas das quais – como História Antiga – se transformaram em focos de referência mais formal do que propriamente acadêmica, dando margem ao esgarçamento de objetivos e padrões de atuação institucionais e aumentando o risco de comportamentos individuais.

Eu seria o último dos mortais a propor a retomada da cátedra ou a lamentar nostalgicamente seu desaparecimento. Penso, porém, como seria pertinente recuperar algumas responsabilidades e virtudes que caracterizavam certos catedráticos como Eurípedes. Antes de mais nada, seus compromissos não eram com sua carreira, sua pesquisa, seu proveito ou conveniências pessoais, mas com o Departamento e a Faculdade. Seus interesses estavam permanentemente mobilizados para beneficiar a Faculdade e o Departamento. Seu segundo foco de atenção era o campo da História – e não apenas a História Antiga ou a História Medieval, antes conexas. Isto se traduzia na criação de condições para que o maior número de interessados pudesse ter melhores condições para o exercício da História. Assim é que ele criou, incentivou, animou permanentemente, e, às vezes, até financiou do próprio bolso empreendimentos como um periódico pioneiro (a *Revista de História*, iniciada em 1950), a Sociedade de Estudos Históricos (que serviu de experimentação para a criação futura da ANPUH),

além do deslanche do Museu de Arqueologia. A propósito das reuniões da Sociedade de Estudos Históricos, eu diria que era algo capaz de preencher, pelo menos em parte, o que considero característica fundamental da universidade: *a convivência intelectual*. Não desprezo outras formas de convivência, nem mesmo descarto, em condições específicas, formas de atuação à distância; mas continuo a pensar que a universidade pressupõe duas condições insubstituíveis: a universalidade e a convivência intelectual.

Vejo no atual Departamento de História um grande potencial capaz de se inspirar no exemplo de Eurípedes para revalorizar, nas suas múltiplas facetas, nossos compromissos institucionais.

No mais, ainda em relação às condições de trabalho, noto apenas que os recursos bibliográficos (principalmente periódicos, monografias e fontes), para quem vinha de um grande centro especializado, não poderiam parecer satisfatórios. Diante das condições nacionais, porém, logo percebi que dispúnhamos de uma situação excepcional, graças aos esforços de Eurípedes e de sua biblioteca (após sua morte, doada ao Departamento), de Robert Aubreton (que obtivera inúmeras valiosíssimas publicações francesas) e de Pedro Moacyr Campos (com seu conhecimento bibliográfico). Paralelamente, com o desenvolvimento sistemático e planejado da biblioteca do Museu de Arqueologia e Etnologia, podia-se dispor de um referencial básico mínimo, embora não dispensasse, para a pesquisa, os vínculos com os grandes centros europeus ou americanos.

### **INFORME - Quais as principais diferenças, em relação à História Antiga, do início de sua docência na década de 1960 e hoje?**

UTBM - Algumas diferenças são bem sensíveis e, no geral, representam avanço positivo. Assim, a impressão inicial de que a História Antiga formava um domínio à parte, que se bastava grandemente a si mesma, correspondia ao que eu encontrara na França e em outros centros. Com efeito, a maioria dos meus colegas de geração na Escola Francesa, ao assumir seus postos universitários, era responsável por disciplinas de História da Arte antiga ou de Arqueologia “Clássica” – que, de certa maneira, redundava numa versão mais técnica de história da arte grega e romana. Eram todos competentes em grego e latim e nas respectivas literaturas – nas quais

procuravam paralelos para as manifestações visuais de seus objetos de estudo, mas raramente se dedicavam à História propriamente dita ou se sentiam na pele de historiadores. Quando o faziam, era dentro de fronteiras bem definidas. Moses Finley, o grande nome de Cambridge, lamentava ter mais interlocução com seus colegas de História Moderna ou Contemporânea do que com os de sua área, por causa do foco exclusivo de interesse deles nessa Antigüidade reificada.

Vejo dois caminhos que permitiram a superação dessas falsas barreiras entre nós. A primeira é a importância da contribuição que a Antropologia passou a fornecer à História e que, na continuidade da tradição francesa que nos marcava, chegou-nos por intermédio do grupo estruturalista de J.P.Vernant, que incluía P.Vidal-Naquet e Marcel Détiene. Lembre-se que Vernant esteve várias vezes entre nós, o que também serviu para momentaneamente reforçar os frágeis laços que nos uniam à área de literatura da Faculdade.

Outro caminho veio da necessidade, cada vez mais sentida no campo do conhecimento histórico, de articulá-lo progressivamente à discussão historiográfica. Pelo menos desde a década de 1980, pode-se registrar uma preocupação constante com a constituição da História Antiga como disciplina acadêmica, dos antiquários e colecionadores do Renascimento, passando pelo desenvolvimento da crítica documental nos séculos XVII e XVIII, pelos primeiros historiadores modernos, como Gibbon e Niebuhr, até chegar às tendências atuais, aos modelos interpretativos e postulados epistemológicos contemporâneos, destacando não só a especificidade da História Antiga, como, também, o que ela partilha com os demais segmentos da disciplina histórica. Nisso se inclui desde o questionamento da própria idéia de História Antiga até as diversas criações e recriações da Antigüidade, em particular do Renascimento à modernidade, além de questões pertinentes à memória histórica, à narrativa, ao mito e representações ideológicas, ao discurso político, etc. Quanto à especificidade, pareceu mais adequado alocá-la, sobretudo, em seminários de leitura de documentos, para trabalhar as limitações e potencialidade das fontes na variedade dos registros e métodos próprios de análise.

Talvez nessa imersão da História Antiga no horizonte das preocupações da escrita da História, em geral (sem esquecer uma certa dose de individualismo) resida possível explicação para o fato de que,

embora se trate do mais antigo núcleo estruturado de estudos e docência sobre a Antigüidade no país, com os primeiros cursos de Mestrado e Doutorado (a partir de 1971) e com um rol de formandos que se distribuíram por várias universidades do país, os docentes do Departamento não se tenham dedicado à formalização de órgãos que se multiplicaram em grande número, em outros lugares, como o NEA/UERJ, o LHIA/UFRJ, o NEAM/UNESP, o CEIA/UFF, o CPA/UNICAMP (ou o LEME de nossos colegas medievalistas), etc., nem à publicação de revistas departamentais especializadas, como *O Boletim do CPA*, *Phoênix* ou *Gaia*, por exemplo.

Infelizmente, é preciso reconhecer a persistência de entraves com viés eurocêntrico, conceitualmente identificados e repudiados, mas que permanecem na prática. O mais pernicioso é a compartimentação, somente em parte desfeita, da História Antiga em Oriente (Egito e Mesopotâmia), Grécia e Roma. Assim, recobrem-se artificialmente diversificações internas muito fortes ou se fragmentam fenômenos comuns. A situação é mais problemática pelo fato de a disciplina obrigatória se desenvolver ao longo de apenas dois semestres. Há consenso quanto à procura de outras configurações, capazes de mediações mais fecundas e legítimas, seja de natureza espacial (como, por exemplo, o espaço do Mediterrâneo, que tem já merecido algumas tentativas), seja incorporando segmentações orgânicas (por exemplo, História Helenística, integrando as sociedades da Grécia, Oriente e Roma), seja, ainda, propondo perspectivas comparativas ou eixos temáticos (urbanização, escravidão, impérios, formação do campo político, movimentos migratórios, processos de aculturação, etc.etc.), em programas individuais ou coletivos.

Quero crer que um dia ainda será possível desmontar completamente, por mais trabalhoso que seja, o falso tripé da História Antiga.

#### **INFORME - Como se deu a articulação da Arqueologia com a área de História Antiga do Departamento?**

UTBM - O Museu de Arqueologia foi a principal plataforma de atuação, pela qual foi possível, durante quase 15 anos, deixar minha principal contribuição à História Antiga no interior do Departamento de História, desde 1963 (quando colaborei com a formação do acervo inicial, antes mesmo de minha admissão à Faculdade). Por sorte, o Museu

estava instalado no térreo do próprio edifício de Geografia e História. Quando voltei da Europa em 1964, ele já estava criado e Eurípedes o dirigia, mas com uma generosidade e honestidade incríveis, disse-me que, não sendo ele arqueólogo, eu deveria cuidar da organização científica, cabendo-lhe apenas dar conta da cobertura junto às autoridades universitárias até que o Museu estivesse consolidado. De fato, quando sentiu que estava consolidado, levou-me ao Reitor Hélio Lourenço de Oliveira (que seria aposentado pelo regime militar logo depois), repetiu o que me havia dito e solicitou que eu o substituísse, sendo atendido de imediato.

Foi por intermédio do Museu que procurei atenuar a abordagem essencialmente logocêntrica da História (inclusive da História Antiga, embora tão dependente de fontes arqueológicas). Suponho ter sido o primeiro a veicular entre nós, já em 1964, a expressão e o conceito de “cultura material”, para salientar não apenas a relevância de repertórios de artefatos e de seus sistemas e ambientes, mas também da dimensão física, material, sensorial da produção e reprodução da sociedade. Por outro lado, julguei indispensável introduzir no currículo, como optativa, a disciplina de “Teoria e Método em Arqueologia” – que se preocupava com a natureza das operações arqueológicas em vista da produção de conhecimento histórico (e antropológico). Esta preocupação também esteve presente nas disciplinas de pós-graduação que ministrei no programa de Arqueologia (1972-86). Escusado explicitar que não se tratava mais exclusivamente de Arqueologia “clássica”, mas de uma disciplina com várias vertentes.

Diante de tais perspectivas, e estando garantida por outros colegas de área a formação de especialistas (particularmente com a possibilidade insubstituível – e felizmente, cada vez mais ampla – de aprimorar tal formação em grandes centros do exterior), não me senti obrigado a orientar pós-graduandos para o rumo profissional na História Antiga. (Orientei no Programa de Arqueologia – com pesquisa de campo no país – e, progressivamente, fui assumindo responsabilidades no domínio da cultura material em geral, da década de 90 em diante).

Em conseqüência, em todas as disciplinas em que militei, procurei formar o historiador, não o especialista. De todo modo, eu via na Antigüidade clássica um potencial extraordinário para o aprendizado da escrita da História: primeiro, porque, como dizia

Marcel Détiene (falando dos gregos), “eles nos estimulam a pensar”. Depois, porque as aparentes semelhanças dessas sociedades com as nossas, modernas e contemporâneas, permitem melhor conceituar a historicidade diversa que tais aparências encobrem. Afinal, a História não é, por excelência, a disciplina da diferença? Nessa medida, a História Antiga pode ser um vetor de consciência histórica. Formar o historiador (e o mesmo eu diria do professor de História, com ligeiras diferenças operacionais) é habilitá-lo à produção do conhecimento histórico e ao controle dessa produção. Ensinar História é ensinar a fazer História. Aprender História é aprender a fazer História. E a História Antiga constitui excepcional instrumento para tanto.

Seja como for, vejo na atual área de História Antiga do Departamento a percepção definida do papel formativo que a disciplina pode e deve desempenhar, não podendo confundir-se, de forma alguma, com um verbete numa enciclopédia de “História Universal”.

#### **INFORME - Quais os paradigmas da Arqueologia na época da fundação da Faculdade e mais tarde, no Departamento de História?**

UTBM - Na década de 1930, e por longo tempo, pode-se dizer que a Arqueologia assumia quatro faces diversas – que podiam até mesmo se superpor. A primeira, a mais estruturada e de origem oitocentista, era a da Arqueologia pré-histórica, solidamente ancorada nas geociências e na Antropologia Física e caudatária do evolucionismo biológico e cultural. A segunda, mais antiga ainda, é a da História da Arte Clássica, atualizando os moldes propostos pelos séculos XVIII e XIX. A seguinte, também ela vinculada ao mundo “clássico”, militava com a paleografia, a epigrafia, a papirologia, a filologia e outras práticas, na condição de “disciplinas auxiliares da História”. A expressão esconde o fato de que a Arqueologia supostamente não teria legitimidade para produzir conhecimento histórico – todo ele derivado basicamente de fontes verbais – embora servisse para completar lacunas de informação e, sobretudo, para confirmar o já sabido pelos textos; como se vê, nessa ordem de coisas, antes que diminuir, mais se aprofunda o fosso entre a História e a Arqueologia. Finalmente (em particular nos EUA), a Arqueologia estava amarrada à Antropologia e sua problemática. Tratava-se, em todos os casos (e prin-

principalmente nos três primeiros), de verdadeiros estudos documentais, com referencial e objetivos marcadamente empíricos. Por isso, mais tarde, se denunciaria tal “Arqueologia dos cacos”.

No Brasil, nesse momento, pode-se afirmar a inexistência de uma prática científica profissional da Arqueologia, apesar do trabalho meritório de alguns antropólogos e da contribuição ambígua de amadores na formação de coleções. A Arqueologia dispunha de premissas próprias e metodologia adequada somente viria a aparecer duas décadas depois.

Já na década de 1960 se procura ver “o índio atrás do caco” e, logo mais, o “processo cultural” a que o índio e seus potes e cacos estão submetidos. Uma “Nova Arqueologia” buscava programaticamente transformar a disciplina em ciência social, partindo de premissas ecológicas, de uma visão sistêmica da cultura – no interior da qual operavam os processos culturais – e de métodos hipotético-dedutivos, os únicos considerados aptos para a formulação de “leis gerais do comportamento cultural”. Tirando a rigidez da concepção de sistemas culturais, certo determinismo ecológico, a ingenuidade na proposição de objetivos e o formalismo metodológico triunfalista, há alguns pontos de convergência com propostas dos *Annales*. A denúncia da Arqueologia artefactual é semelhante à da Histó-

ria factual. Nenhum contato, porém, se conhece, apenas coincidência, sobretudo no saldo positivo de reconhecer à disciplina a condição de ciência social. Quase meio século mais tarde é que os arqueólogos tomarão conhecimento dos debates travados entre historiadores pelas décadas de 30 e 40. Mais tarde, quando a terceira geração dos *Annales* dava as cartas e a *Nouvelle Histoire* se impregnava da Antropologia histórica, a Arqueologia pós-processual vai, de novo sem conhecimento direto, ter convergências com a História cultural e dar realce às práticas e representações e à problemática do sentido e do simbólico. Hoje se pode dizer que se tem na Arqueologia uma fragmentação semelhante àquela que François Dosse caracterizou para a *Histoire en miettes*: Arqueologia cognitiva, Arqueologia do gênero, Arqueologia da paisagem, Arqueologia interpretativa, Arqueologia funerária, etc.etc.

Cumprir dizer que a Arqueologia “clássica” ainda não definiu uma personalidade própria nem vínculos orgânicos com a História e a História da Arte. Na área das sociedades mesopotâmicas, é paradigmático o desentendimento entre historiadores, epigrafistas e arqueólogos. Em compensação, a História da Arte antiga tem produzido grandes avanços ao assimilar a complexa mas fecunda problemática histórica da cultura visual – principalmente no caso da arte romana.

## ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

### O VESTIBULAR NA FFLCH: BEM ANTES DA FUVEST

POR PRISCILLA VICENZO

*“Ser estudante é algo muito sério. É quando os ideais se formam, é quando mais se pensa num meio de ajudar o Brasil.”*

CLARICE LISPECTOR

Anos antes da criação da FUVEST, em 1979, a estruturação do exame vestibular era bem diferente. A FFLCH também era ainda outra. Nomeada de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ela abrigava no centro da cidade diversos cursos que depois

ganham seus próprios institutos (Matemática, Geologia, Física, Química, Pedagogia, Psicologia) e submetia os jovens que pretendiam integrá-la a um outro tipo de vestibular.

Na época, o exame era composto de provas es-

crita e oral que abordavam disciplinas relacionadas à área do curso pretendido. O candidato era avaliado por uma banca examinadora e deveria ter nota mínima de 4.0 em cada disciplina para ingressar na graduação. Nesse período, os critérios de avaliação eram levados a cabo, ainda que nem todas as vagas oferecidas fossem ocupadas.

Hoje, a FFLCH preserva em seu arquivo todos os boletins de notas dos antigos vestibulares, preenchidos ainda à mão ou na máquina de escrever. No ano de 1958, no curso de Filosofia, por exemplo, 23 pessoas se inscreveram para as 40 vagas disponíveis, mas apenas nove foram aprovadas. Nesse ano, importantes professores que são parte fundamental na história da Faculdade compuseram as bancas examinadoras. No curso de Filosofia, Lívio Teixeira integrou a banca de História da Filosofia e dona Gilda de Mello e Souza, a de Português. Aziz Ab Saber examinou os conhecimentos em Geografia do Brasil dos candidatos ao curso de Geografia, e no curso de História, Sérgio Buarque de Holanda ava-

liou os saberes em História do Brasil. Nas Letras Clássicas, a banca de Português era presidida pelo saudoso professor e filólogo Antonio Soares Amora. No curso de Ciências Sociais, as bancas também foram compostas por reconhecidos docentes: em História do Brasil, Fernando Henrique Cardoso e Otavio Ianni, e em História da Civilização, professora Paula Beiguelman.

Os boletins dos vestibulares anteriores a FUVEST retratam a história da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e preservam sua memória. Eles fazem parte do arquivo de documentos da FFLCH que, conforme noticiamos na edição anterior do *Informe*, está ganhando acomodação nova e adequada. Com a criação do arquivo, não apenas os boletins de notas de vestibulares, mas diversos outros tipos de documento estarão com sua integridade preservada e disponível a pesquisadores e público interessado em lembrar e reafirmar a trajetória de uma das mais antigas instituições uspianas.

## ENTREVISTA COM OS PROFESSORES RAINER SCHMIDT E HELMUT GALLE

POR LAÍS LUCAS MOREIRA

*Dentre as diversas oportunidades existentes na FFLCH/USP, a Cátedra Von Martius se configura como mais uma delas, dessa vez como um canal de contato entre Brasil e Alemanha. Por isso, o INFORME conversou com o Prof. Rainer Schmidt, titular da Cátedra, e o Prof. Helmut Galle, apoiador da iniciativa, para saber um pouco mais sobre esse convênio da USP.*

### A CÁTEDRA

A intenção de montar a Cátedra vem da idéia de fazer um intercâmbio entre Brasil e Alemanha, ou seja, melhorar o contato de professores brasileiros e alemães.

Carl Friedrich Philipp von Martius foi um pesquisador alemão que visitou o Brasil de 1817 a 1820, fazendo o maior levantamento das plantas e dos animais do Brasil (Flora brasiliensis, <http://florabrasiliensis.cria.org.br/>). Quanto à história da Cátedra, teve início em 2001 com o primeiro professor participante do programa, o climatógrafo

Dieter Anhuf. Naquela época, a Cátedra foi definida para que lidasse com ciências ligadas à ecologia e estava vinculada ao Instituto de Estudos Avançados (IEA). O primeiro titular atuava como membro do IEA e deu disciplinas de pós-graduação no Instituto de Geofísica e Ciências Atmosféricas da USP.

Após esse tempo, em função da dificuldade em encontrar outros candidatos para essa área, o Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) e a USP acordaram, em 2006, que a Cátedra teria sua temática redefinida. Ainda se chamaria Von Martius, mas agora estaria vinculada à FFLCH e deveria ter, a cada troca de titular, um professor das ciências humanas ou sociais. O primeiro titular dessa segunda fase foi Dietmar Herz, professor de ciências políticas.

A Cátedra possui um único titular, que é o Professor Rainer Schmidt. Além dele, existe um grupo de pessoas, de áreas da FFLCH e de fora que organizam palestras e outras atividades. As áreas de atuação desse grupo, que possui em torno de 10 a 20 pessoas, são as mais diversas como letras, filosofia, história, direito, sociologia etc.

### SUA FINALIDADE

Além do intercâmbio de professores, a Cátedra dirige suas atividades para duas áreas de atuação: aulas e eventos. A primeira consiste em ter contato com alunos a partir da apresentação de temas da filosofia alemã e da ciência política européia, sempre para pós-graduandos.

Paralelamente, a segunda tarefa se baseia em organizar congressos, workshops e, a longo prazo, estruturar um curso de estudos alemães e europeus na Universidade.

### A SELEÇÃO

A DAAD é uma fundação de intercâmbio acadêmico, semelhante a CAPES, a qual realiza, anualmente, uma seleção de bolsistas no nível do doutorado encaminhados para a Alemanha. Essa seleção é feita em conjunto com o CNPq e CAPES, na qual são escolhidas aproximadamente 80 pessoas, que farão seu respectivo doutorado, ou parte dele, na Alemanha.

Para a seleção do titular da Cátedra, é realizado um processo seletivo, costumeiramente realizado na Alemanha. Os candidatos são professores das universidades alemãs; o titular permanece por um período de dois anos, prorrogáveis até cinco, ou seja, até o final de 2013.

A Cátedra Von Martius é uma das várias que o DAAD mantém no mundo todo, nas universidades mais destacadas. São, aproximadamente, de 10 a 15 cátedras em locais como México, Buenos Aires e Jerusalém. A partir disso, o DAAD permite que o professor alemão, por um certo tempo, represente o estado da arte de uma ciência na Alemanha. É interessante não apenas para o professor, mas também para a universidade, que cria um diálogo com esse docente, nessa determinada área.

### ATIVIDADES DA CÁTEDRA

No último semestre, o Prof. Rainer Schmidt ofereceu uma disciplina sobre as idéias políticas de Habermas – consagrado pensador alemão da ciência política e filosofia –, que teve a participação de 22 a 25 alunos. É possível inscrever doutorandos e mestrandos de ciências políticas e de outros progra-

mas de pós-graduação aqui da USP – como direito, antropologia, etc. – nessas disciplinas, que são credenciadas normalmente.

A atual disciplina trata do pensamento político europeu contemporâneo. Como bibliografia, são utilizados textos de filósofos e pensadores europeus e o curso é dado em inglês.

É importante dizer ainda, que a cada semestre é organizada uma série de palestras. No semestre passado, houve uma série de palestras sobre memória nas Ciências Sociais e essa série será publicada em um livro.

### PROJETOS EM VISTA

Neste semestre, a série de palestras apresentará colegas de diversas disciplinas da ciência política e história alemãs.

No próximo semestre, serão organizadas palestras sobre uma temática da política e do direito, uma delas, inclusive, já está com data marcada.

Trata-se de um seminário sobre cidadania européia, que contará com a participação de Thomas Richter, da Faculdade de Direito, também professor visitante alemão. O evento acontecerá de 3 a 5 de dezembro, em Campos do Jordão.

Na semana seguinte, de 7 a 8 de dezembro, será organizado também um Workshop sobre o tema Direito e Política no Brasil e Alemanha.

### SOBRE O PROFESSOR RAINER SCHMIDT

O Professor Rainer foi professor na Universidade de Dresde na Alemanha (1994-2009). Ele estudou ciência política, filosofia e história em Freiburg e Frankfurt e no Canadá.

Suas pesquisas e maiores interesses: o pensador Max Weber e suas obras, o tema do constitucionalismo, e, novamente, o tema de confiança e sua influência na estabilidade das sociedades democráticas

Ele publicou diversos artigos sobre temas e autores da história das idéias, como Michael Oakeshott, Max Weber e Maquiavel, e também sobre constitucionalismo nacional e internacional. Sua tese de doutorado foi sobre a idéia de Europa central

## SEÇÃO TÉCNICA DE INFORMÁTICA PROPÕE PROJETO À DIRETORIA DA FFLCH

POR AUGUSTO CESAR FREIRE SANTIAGO

No início deste ano, a Seção Técnica de Informática elaborou e apresentou para a Direção da Faculdade, Professora Sandra Nitrini e Professor Modesto Florenzano, um projeto com nove propostas de melhorias e implementações de novos recursos. Essas propostas vão desde a **adoção de software livre nos computadores dos usuários** até a **reestruturação do site**, passando pela **prestação de assessoria técnica remota**. A elaboração do projeto levou em consideração, entre outros fatores, as necessidades e o estágio atual da Faculdade, bem como, a viabilidade de implementação de cada proposta. Uma característica das propostas é o fato das mesmas não tratarem apenas de questões técnicas, ou seja, o uso de tecnologias computacionais para melhorar ou implementar algo novo. As propostas tratam também de questões de gestão onde o foco é o trabalho com os usuários, ou seja, informar e conscientizar os usuários quanto ao uso dessas tecnologias computacionais.

No projeto, a STI ressalta a amplitude da Faculdade que se reflete em todas as áreas, inclusive na área de informática. O número de servidores de rede e *desktop*, de equipamentos e pontos de rede, etc., justificam tal amplitude e mostram que a FFLCH é uma das maiores unidades da USP. Além disso, o projeto destaca algumas atividades desenvolvidas recentemente pela STI como, por exemplo, a **adoção de software livre nos servidores de rede**, a **reestruturação da rede de dados e telefonia** e a **implantação de servidores *firewall***.

Um das propostas que tem grande importância para a Faculdade é a de reestruturação do site que, além de buscar uma nova e melhor estrutura e novo visual para as informações divulgadas na Internet, irá também criar um Portal de Comunicação. Para isto, foi criado um **Grupo de Trabalho**, com representantes dos diversos locais, que será coordenado em conjunto com o **Serviço de Comunicação Social**.

O projeto foi elaborado para ser implementado em quatro anos, dividido em oito semestres, e o

cronograma previsto é o mostrado a seguir:

1. Adoção de programas livres nos computadores *Desktop*;
2. Reestruturação do Site da Faculdade;
3. Implementação de melhorias na Segurança da Informação;
4. Implementação da Gestão de Segurança da Informação;
5. Autenticação Centralizada de Usuários;
6. Implantação de Servidor de Arquivos;
7. Alta Disponibilidade e Unificação de Servidores de Rede;
8. Assessoria Técnica e Manutenção Remotas;
9. Criação da Semana da Informática;

Independentemente do projeto, a STI continuará desenvolvendo suas atividades normais como, por exemplo, **Consultoria e Assessoria Técnica, Administração de Servidores de Rede, Atividades relacionadas à Rede Wireless (Sem fio)**, etc. Embora não façam parte do projeto, algumas implementações e melhorias serão realizadas como, por exemplo, a **instalação de centrais telefônicas** para ampliação e modernização da rede de telefonia e a **ampliação da rede wireless** em toda a Faculdade.

O projeto também foi apresentado, recentemente, para a Congregação, funcionários e professores. Nessa oportunidade, foi encaminhado, por e-mail, um resumo com as propostas do projeto e o cronograma de implementação. Porém, quem não teve oportunidade de conhecê-lo ou tiver qualquer dúvida ou comentário, basta entrar em contato com a STI por e-mail ([fflchsti@usp.br](mailto:fflchsti@usp.br)), por telefone (3091-4616 / 4617) ou mesmo pessoalmente.

## ANDAMENTO DA REFORMA DOS PRÉDIOS

POR RENATO SANTINO

O destaque das reformas da FFLCH é a retomada da construção dos novos blocos das Letras e as obras na cobertura em fase de conclusão. Os banheiros do Bloco 1 estão em fase de vistorias.

As reformas no prédio da História e Geografia também avançam. Tiveram início recentemente as obras no Anfiteatro de Geografia. Além disso, foram finalizados e entregues os banheiros, já em funcionamento, e os elevadores panorâmicos.

No prédio das Ciências Sociais, foi finalizada a reforma da sala 14, já entregue, enquanto a sala 24 deve ser a próxima a ser concluída e a sala 118 ainda está em andamento, assim como a reforma dos corrimãos.

Na Casa de Cultura Japonesa, as obras de acessibilidade do anfiteatro e dos banheiros foram executadas e os elevadores e plataformas para acesso de deficientes já foram entregues.

## FFLCH CRIA COMISSÃO PARA OTIMIZAR OBRAS DA UNIDADE

POR RENATO SANTINO

Buscando otimizar as obras e reformas na FFLCH, a direção da Faculdade anunciou a criação de uma Comissão de Obras, que tem como objetivo analisar e viabilizar as solicitações de projetos para melhoria da infraestrutura dos prédios que compõem a nossa Unidade.

Segundo o Prof. Dr. Modesto Florenzano, vice-diretor da Faculdade e presidente da Comissão, a iniciativa da criação desta Comissão partiu da Assistência Administrativa “ao se dar conta de que, não raro, dos diversos prédios encaminhavam-se soluções para resolver problemas de pequenas obras, tais como reparos e instalações de equipamentos, que nem sempre resultavam em ser as mais adequadas e funcionais”.

Integrarão a Comissão os funcionários Renata Guarrera Del Corço, assistente administrativa; Alexandre Gomes da Silva e Samuel da Silva, ambos técnicos em obras; Augusto César Freire Santiago, assistente

técnico de informática; Ricardo Fontoura, analista de sistemas; Paulo César Medeiros Martinez, técnico em manutenção, e Jaqueline de Oliveira Uchoa, secretária, além do já citado Prof. Florenzano. Segundo ele, a escolha destes nomes se deu pelo fato de todas essas pessoas integrarem seções que, de maneira direta ou indireta, estão envolvidas no encaminhamento e na resolução desses problemas de obras da Faculdade.

A proposta, segundo o professor, se deve à avaliação de que, com frequência, houve pouca racionalização das obras, o que gerou a necessidade de refazer procedimentos em decorrência da falta de preparo e de pessoal especializado no diagnóstico e encaminhamento dos problemas existentes.

A medida, colocada em prática no dia 11 de agosto, deverá exercer suas atividades durante um ano. Ao final deste período, se não for constatada sua serventia, poderá ser extinta sumariamente.

## PREMIAÇÃO

### PROF. DRA. ÂNGELA ALONSO

PRÊMIO: BOLSA PRÊMIO DA FUNDAÇÃO MEMORIAL JOHN SIMON GUGGENHEIM

**Informe: Como reagiu ao saber que havia recebido a bolsa prêmio da Fundação Memorial John Simon Guggenheim?**

**Ângela Alonso:** Fiquei contente e muito honrada. Trata-se de uma distinção acadêmica muito prestigiosa, pois o processo é extremamente competitivo,

concorrem todas as ciências e artes e pesquisadores do mundo todo.

**Informe: A que a senhora atribui esta premiação?**

**AA:** A seleção da Guggenheim avalia a obra passada e o projeto futuro de pesquisa, então é uma espécie de avaliação da carreira. Tive de enviar livros, artigos, uma pequena narrativa biográfica e um projeto, também pequeno, de estudos para esse ano. Meu projeto é sobre o movimento pela abolição da escravidão no Brasil, numa perspectiva comparada. Então acho que o assunto também ajudou. Além disso, tive de indicar três pesquisadores aptos a responder a questões da Guggenheim a meu respeito. A premiação resulta de tudo isso e é feita também comparativamente, em relação ao perfil dos outros concorrentes no ano. Para 2009/2010, foram outor-

gadas 33 *fellowships* para América Latina e Caribe, eu obtive a única concedida em sociologia.

**Informe: Qual a importância de uma premiação como esta?**

**AA:** É uma espécie de atestado de credibilidade do meu trabalho no meio acadêmico. Dá respeitabilidade e abre a possibilidade de estreitar contatos e trocas com pesquisadores de outras partes do mundo. Por exemplo, facilitou minha inserção na Universidade de Yale, onde estou passando o ano acadêmico.

**Informe: Como esta bolsa colabora para o desenvolvimento de suas pesquisas?**

**AA:** Certamente facilitará minha inserção em instituições e seminários, etc., nos quais poderei discutir meu projeto e me beneficiar de comentários.

## SÉRGIO ADAS

PRÊMIO CAPES DE TESES 2008 EM GEOGRAFIA E GRANDE PRÊMIO CAPES DE TESE “MARIO PEDROSA” - CIÊNCIAS HUMANAS, CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E LINGÜÍSTICA, LETRAS E ARTES

**Tese:** O campo do Geógrafo: colonização e agricultura na obra de Orlando Valverde (1917-1964)

**Orientador:** Prof. Dr. Antonio Carlos Robert de Moraes

**Informe: O senhor poderia falar um pouco mais sobre sua tese?**

**Sérgio Adas:** O trabalho consistiu na análise da obra de Orlando Valverde, geógrafo carioca formado na UDF (Universidade do Distrito Federal) – e, posteriormente, na Universidade do Brasil – e que foi o primeiro contratado pelo então CNG (Conselho Nacional de Geografia), em 1938, no contexto do Estado Novo de Getúlio Vargas. Em particular, no decorrer dos capítulos da tese persegui um foco de análise preciso, qual seja compreender a primeira parte da produção científica valverdiana (1942-1964) dedicada aos problemas agrários, de povoamento e colonização brasileiros. Com o auxílio de vários eixos bibliográficos complementares, analisei os escritos do autor com base nas circunstâncias políticas, econômicas, sociais e culturais que cingiam a cena nacional naquele vasto período, buscando entender, por via comparativa autor/contextos, a eleição de seus temas de estudo, formas de abordagem e valorações. Desse modo, pude compreender melhor os consensos e dissensos de Valverde perante as políticas territoriais, de colonização, agrícolas e agrárias encetadas por vários governos até 1964. Para tornar a análise mais coesa, também tive o cuidado de recorrer ao desenvolvimento interno da ciência geográfica no Brasil, compreender sua dinâmica pe-

rante a praticada no exterior, além de identificar o campo político do autor no interior do CNG (posterior IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), demarcando suas convergências e divergências não somente em relação a pesquisadores e técnicos da instituição federal como também diante de geógrafos e intelectuais paulistas.

**Informe: Por que o senhor decidiu pesquisar sobre este assunto?**

**SA:** Inicialmente, quando decidi realizar a pós-graduação em Geografia Humana, meu interesse era estudar a Amazônia brasileira por meio de trabalhos de campo. Mas considerando as dificuldades financeiras e pessoais para a realização desse intento, fui forçado a deslocar ou adaptar meu interesse seminal para o estudo de um geógrafo que havia se debruçado sobre os impasses territoriais, econômicos e socioambientais da região. Foi assim que tive por meta pesquisar a segunda parte da obra de Orlando Valverde, iniciada em 1967, quando passou a publicar trabalhos sobre a região amazônica. No entanto, durante a pesquisa, depois de haver estudado toda a obra do autor dedicada à região, percebi que muitos aspectos de sua produção científica sobre a Amazônia não poderiam ser explicados sem rever toda a sua produção anterior a década de 1960.

Assim, fui obrigado a recuar no tempo e, como resultado, a tese acabou em certa “ironia”: embora tenha estudado a obra do geógrafo na íntegra, inclusive com extensos fichamentos que ainda conservo, dada a extensão a que cheguei ao escrever a tese apenas sobre a primeira parte de sua produção, a outra dedicada à Amazônia ainda permanece não redigida. Mas, ao menos, caso venha a escrever sobre a obra de Orlando Valverde dedicada à Amazônia, sem dúvida o trabalho realizado poderá ajudar.

**Informe: O senhor pretende continuar trabalhando com este tema?**

**SA:** É uma possibilidade. Há caminhos abertos como continuar estudando a história do pensamento geográfico no Brasil, prosseguir com o estudo da segunda parte da obra de Orlando Valverde dedicada à Amazônia, inclusive adentrando nas produções científicas passadas e atuais de outros geógrafos brasileiros (do IBGE ou não) sobre a região. Embora esses temas sejam por demais interessantes, também avalio no momento o redirecionamento de minha linha de pesquisa para temas mais atuais e que possam contribuir, de maneira mais imediata, para a discussão dos problemas nacionais.

**Informe: Qual a importância da FFLCH na sua conquista?**

**SA:** Central, por vários motivos. Na FFLCH, meu curso de origem é a Filosofia, cujo rigor e espírito de pesquisa são heranças essenciais que acabamos por aprender com a postura de excelentes professores durante as aulas. Além disso, entre 1991 e 1995, enquanto concluía o bacharelado e a licenciatura (esta última na Faculdade de Educação) em Filosofia, durante toda a minha graduação pude cursar disciplinas em outros departamentos da FFLCH. Frustrado à época por não poder cursar aquele cur-

so ao lado da graduação em Geografia, frequentei e me matriculei em vários cursos de Geografia Física e Humana, com boa receptividade e abertura da parte do corpo docente. Ademais, na FFLCH fui muito bem acolhido pelos professores, colegas e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, e guardo particular gratidão ao Prof. Dr. Antonio Carlos Robert Moraes que apoiou e acreditou em meu projeto de doutorado.

**Informe: O que está fazendo depois do doutorado? Pretende prosseguir na carreira acadêmica ou já tem outro tipo de trabalho em vista?**

**SA:** Desde que defendi minha tese, em março de 2007, realizei vários projetos. Escrevi um artigo e algumas resenhas para a revista *Scientific American Brasil*, e também publiquei encartes destinados aos professores de Filosofia na Revista *Filosofia Ciência & Vida* (sempre fui muito preocupado com o ensino de Filosofia e Geografia no Ensino Médio). Por algum tempo, naquele mesmo ano, elaborei um projeto de pós-doutorado em Geografia no IG-Unicamp, mas como não obtive a bolsa de estudos solicitada, enderecei outro projeto de pesquisa para a Fapesp e a Faculdade de Educação da USP. No mês de agosto do corrente ano, finalizei esse pós-doutorado na FE-USP, com um projeto sobre Ensino de Filosofia, na área de Didática, Teorias do Ensino e Práticas Escolares. Durante certo tempo, em função das vicissitudes da vida terem me levado a construir um currículo heterogêneo do ponto de vista acadêmico (em linhas gerais, graduação em Filosofia, Doutorado em Geografia Humana, pesquisador em Sociologia Urbana, trabalhos didáticos junto a Editoras e Secretaria de Educação do Estado de São Paulo) vivenciei muita dúvida em prestar concurso público. No momento, estou revendo essa minha posição com serenidade e otimismo.

## ANA CLAUDIA MOREIRA CARDOSO

PRÊMIO CAPES DE TESES 2008 EM SOCIOLOGIA

**Tese:** Tempos de trabalho, tempos de não trabalho: vivências cotidianas de trabalhadores

**Orientadora:** Profa. Dra. Nádyá Araújo Guimarães

**Co-orientadora:** Helena Sumiko Hirata

Informe: A senhora poderia falar um pouco mais sobre sua tese?

**Ana Claudia Moreira Cardoso:** A tese *“Tempos de trabalho, tempos de não trabalho: vivências cotidianas de trabalhadores”* analisa como se dão

as vivências dos trabalhadores em relação ao tempo de trabalho e de não trabalho. Para tal, estas vivências foram contextualizadas tanto ao nível macro-social – das mudanças no tempo e no trabalho na sociedade atual –, quanto ao nível micro-organizacional –

das transformações nas relações sociais nos locais de trabalho. Tive como objetivo compreender para onde vai o tempo de trabalho, isto é, que contornos tem tomado e que caminhos parece trilhar. E, desta forma, contribuir para a atual discussão da temática do tempo de trabalho e não trabalho no âmbito macro-políticos, na sociedade brasileira contemporânea, a partir da melhor compreensão das vivências dos trabalhadores e dos processos de negociação coletiva nos locais de trabalho. Mas, sobretudo, a partir do entendimento da inter-relação entre o legislado, o negociado e o vivenciado.

Para desenvolver um tema tão complexo, estudei as vivências dos trabalhadores da Volkswagen do Brasil, em sua unidade de produção do ABC (São Paulo). Vale ressaltar, entretanto, que a empresa foi apenas uma porta de entrada para se compreender o que se passa no âmbito mais amplo, das transformações na cultura temporal da sociedade brasileira.

Também apresento o debate recente sobre o tempo de trabalho na França – em função da centralidade com que o tema esteve presente nessa sociedade – para melhor compreender a sociedade brasileira.

Do ponto de vista macro, o que foi constatado é que o tempo de trabalho é pouco discutido no Brasil. Ele é discutido em momentos pontuais e, sobretudo, focado na duração da jornada de trabalho. Pouco se discute sobre a flexibilização do tempo de trabalho e a questão da intensidade está praticamente ausente do espaço legal e negocial. Do ponto de vista dos indivíduos – mesmo aqueles indivíduos que já conquistaram uma jornada reduzida – como no caso da Volkswagen –, quando perguntados sobre sua jornada de trabalho, explicitam que ela ocupa o dia todo.

Assim, algo que ficou explícito na tese é que quando se fala em tempo de trabalho, deve-se pensar na quantidade de tempo e, também, na sua “qualidade”. E o que foi observado é que, no Brasil, o tempo de trabalho está estagnado do ponto de vista da sua duração, cada vez mais intenso e mais flexível. E, em função dessa flexibilização, as pessoas vão perdendo o controle do seu tempo dentro do local de trabalho, mas também fora deste espaço. As pessoas vão tendo cada vez mais dificuldade para planejar seu tempo fora do local de trabalho, porque elas não sabem quando deverão trabalhar a mais ou a menos.

**Informe: Por que a senhora decidiu pesquisar sobre este assunto?**

**ACMC:** A idéia de estudar este assunto tem a ver com o meu trabalho no DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), assessorando o movimento sindical há 19 anos.

E um dos temas que reaparece no final dos anos 90 é a retomada da discussão pela redução da jornada de trabalho, a partir de um projeto de lei sobre flexibilização do tempo de trabalho. Então passei a me envolver com esse tema e a questionar os dirigentes sindicais sobre a impossibilidade de tratar desta discussão do tempo de trabalho tendo como foco apenas a jornada de trabalho. Sendo importante entender como os trabalhadores vivenciavam as 24 horas do seu dia, pois há uma relação de influência recíproca entre tempo e local de trabalho e tempo e local de não trabalho. Em seguida, ficou explícita a necessidade de voltar à academia para estudar de forma mais aprofundada essa temática.

**Informe: A senhora pretende continuar trabalhando com este tema?**

**ACMC:** Com a bolsa de pós-doutorado que ganhei da CAPES, a idéia é investir mais na discussão da intensidade do trabalho, porque no Brasil existem alguns debates sobre quantidade de trabalho, mas, do ponto de vista qualitativo praticamente não há estudos sobre o tema. É uma questão ainda ausente na ação sindical, mas que tem fortes impactos para os trabalhadores tanto dentro como fora do local de trabalho. Por isso, trabalhar com a intensidade do trabalho me parece interessante e necessário.

**Informe: Qual a importância da FFLCH na sua conquista?**

**ACMC:** Total. Há duas instituições que ao longo da minha vida me formaram. Uma é o DIEESE e a outra é, sem dúvida nenhuma, a FFLCH, onde estou desde a graduação.

E tem sido de grande importância o apoio institucional da USP – da instituição, do departamento e dos professores. Sobre tudo no meu doutorado, a Prof. Nadya me deu um apoio maravilhoso durante todo o meu processo. Além disso, a FFLCH me deu todo apoio para conseguir a co-tutela entre a USP e a Paris VIII para a minha tese. E não foi fácil, pois, por ser uma experiência nova, isto nos deu muito trabalho. E o resultado é que obtive o certificado tanto da USP quanto da Paris VIII.

**Informe: O que está fazendo depois do doutorado? Pretende prosseguir na carreira acadêmica ou já tem outro tipo de trabalho em vista?**

**ACMC:** A idéia de ter feito meu mestrado e doutorado foi para fazer melhor o meu trabalho de assessora e formadora do movimento sindical no DIEESE, e não para começar uma profissão. Porém,

como neste momento estamos criando uma Escola de Ensino Superior no DIEESE, eu também serei uma professora universitária, de uma faculdade do

movimento sindical. Pode ser que no futuro eu venha a pensar em dar aulas na universidade, mas por enquanto esta não é a minha intenção

## BEATRIZ PROTTI CHRISTINO

MENÇÃO HONROSA NO PRÊMIO CAPES DE TESES 2008 EM LETRAS / LINGÜÍSTICA

**Tese:** A rede de Capistrano de Abreu (1853-1927): uma análise historiográfica de *rã-txa hu-ni-ku-* em face da Sulamericanística dos anos 1890-1929

**Orientador:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Cristina Fernandes Salles Altman

### **Informe: A senhora poderia falar um pouco mais sobre sua tese?**

**Beatriz Protti Christino:** Em minha tese, investiguei o *rã-txa hu-ni-ku-*, obra sobre a língua Caxinauá (da família Pano, falada na região fronteira entre o Acre e o Peru) publicada por João Capistrano de Abreu (1853-1927) em 1914. Procurei delimitar o circuito de produção e circulação daquele trabalho, ou seja, fui em busca de reconhecer como e para que público Capistrano de Abreu compôs o *rã-txa hu-ni-ku-*. Para identificar seus interlocutores, fiz um estudo da comunidade dos especialistas em línguas e culturas da América do Sul nos anos 1890-1929, levando em consideração as teorias que norteavam o trabalho de tais estudiosos e seus métodos de pesquisa de campo e de gabinete. Com a intenção de verificar de que modo Capistrano de Abreu descreveu a língua Caxinauá, examinei os critérios por ele empregados para identificar e classificar as diversas categorias lingüísticas, como a tipologia por ele proposta para os sufixos nominais e sua análise dos morfemas verbais.

### **Informe: Por que a senhora decidiu pesquisar sobre este assunto?**

**BPC:** A exemplo de outros pesquisadores vinculados ao Grupo de Estudos em Historiografia Lingüística, coordenado pela minha orientadora, Profa. Dra. Cristina Altman, voltei minha atenção para um momento da história da investigação das línguas indígenas brasileiras. Decidi trabalhar especificamente com a obra sobre a língua Caxinauá de Capistrano de Abreu por tratar-se de um trabalho realmente notável, que foi tomado como modelo a ser seguido por importantes pesquisadores a ele contemporâneos como Theodor Koch-Grünberg (1872-1924) e Paul Rivet (1876-1958) e também por lingüistas posteriores, a exemplo de Mattoso Câma-

ra e Aryon Rodrigues. Com mais de seiscentas páginas, o *rã-txa hu-ni-ku-* – *A língua dos Caxinauás*, publicado em 1914 e que representa o resultado de um intenso e duradouro trabalho de pesquisa ao lado de dois informantes nativos, conta com uma gramática do Caxinauá (Pano), com copiosos vocabulários português-caxinauá e caxinauá-português e com a reprodução de cento e doze narrativas tradicionais caxinauás na língua original, acompanhados de sua tradução interlinear.

Muitos dos biógrafos de Capistrano de Abreu, considerando-o fundamentalmente um historiador, não deram qualquer atenção ao *rã-txa hu-ni-ku-*. Mais do que isso, consideraram os estudos etnográfico-lingüísticos de Capistrano de Abreu (que também se dedicou à investigação da língua Bakairi, da família Caribe) como uma espécie de auto-exílio intelectual. Por conta disso, me senti desafiada a mostrar que o sul-americanista Capistrano de Abreu não foi um pesquisador isolado.

### **Informe: A senhora pretende continuar trabalhando com este tema?**

**BPC:** Na verdade, o trabalho de pesquisa que desempenho atualmente representa um desdobramento do exame das análises lingüísticas propostas por Capistrano de Abreu, desenvolvido durante o meu doutorado.

### **Informe: Qual a importância da FFLCH na sua conquista?**

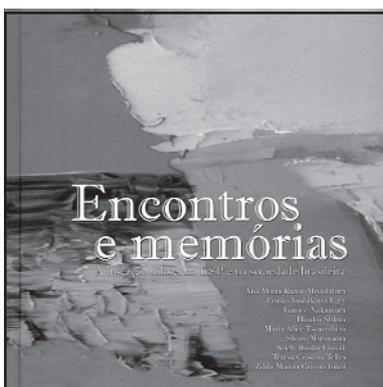
**BPC:** Sem dúvida, uma importância central. Toda a minha formação – graduação, mestrado e doutorado – foi na FFLCH, onde tive a oportunidade de frequentar cursos excelentes, de assistir a muitos debates acadêmicos de alta qualidade e fui sempre estimulada a trabalhar buscando o rigor científico e o desenvolvimento e amadurecimento de meu espírito crítico.

**Informe: O que está fazendo depois do doutorado? Pretende prosseguir na carreira acadêmica ou já tem outro tipo de trabalho em vista?**

**BPC:** Pretendo realmente prosseguir na carreira acadêmica. Estou atualmente trabalhando como pesquisadora-colaboradora no IEL-Unicamp, na área de Línguas Indígenas. O projeto de pesquisa

de pós-doutorado que venho desenvolvendo, intitulado “Aspectos da morfologia do Caxinauá (Pano) no início do século XX e no início do século XXI” e financiado pela FAPESP, tem o objetivo de estabelecer uma comparação entre dados registrados por Capistrano de Abreu e o Caxinauá atualmente em uso.

## PRODUÇÃO DA FACULDADE



### Encontros e Memórias: A Inserção Nikkei na USP e na Sociedade Brasileira

ANA MARIA MIYADAHIRA [ET AL.]

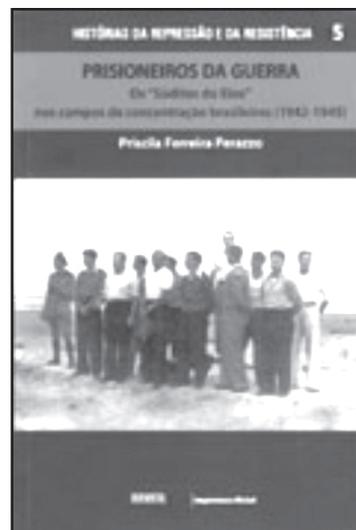
O livro *Encontros e Memórias: A inserção dos nikkeis na USP e na sociedade brasileira*, organizado por Ana Maria Kazue Miyadahira, Zilda Márcia Gricoli, Lokoi, Shozo Motoyama, Hisako Shima e outros colaboradores, procura reconstruir através de documentação e da história de vida dos descendentes de japone- ses que se tornaram professores da Universidade de São Paulo, a sua trajetória na melhor universidade latino-americana. O tema é tratado de forma original e instigante com a história dos nikkeis na USP redigida pelos autores do livro em estreita consonância com os depoimentos dos protagonistas que ajudaram a construir uma das melhores universidades de pesquisa do mundo.

### Poéticas da Violência: da Bomba Atômica ao 11 de Setembro

CELESTE RIBEIRO DE SOUZA (ORG.)

A literatura é uma força civilizadora. Sua leitura humaniza, porque trabalha as emoções. A destrutividade, a pulsão de morte, não é inata ao ser humano, como Freud pensou, mas adquirida por meio da repressão das emoções (castração emocional) em favor da hegemonia do intelecto. Como diria G. Rosa, “a alquimia de escrever precisa do sangue do coração”, ou, ainda, “a lógica, meu caro, é a faca com a qual o homem ainda se matará um dia. Só quem supera a lógica pensa com justiça. Reflita pois uma vez: o amor é sempre ilógico, mas todo crime é cometido segundo as leis da lógica”.

[www.editorahumanitas.com.br](http://www.editorahumanitas.com.br)





### Prisioneiros da Guerra – Os “Súditos do Eixo” nos campos de concentração brasileiros (1942 – 1945)

PRISCILA FERREIRA PERAZZO

Esse livro representa uma pesquisa minuciosa que desvenda os “silêncios” da história sobre questões tão relevantes, como a repressão e o tratamento dado às minorias, apontadas como “súditos do Eixo”. Passa pela articulação de direitos humanos e cidadania na ditadura varguista. O enfoque teórico e metodológico dado a vasta e inédita documentação, resultou num texto riquíssimo, onde a autora desconstrói o discurso do Estado brasileiro com os órgãos internacionais, desvelando os sentidos e as significações desse discurso, que ao focar o tratamento dado aos “súditos do Eixo”, prisioneiros da guerra, confinados nos vários campos de concentração ou de internamento espalhados pelo Brasil, revela as tramas tecidas nos subterrâneos da ditadura estadonovista. Com este livro, Priscila Ferreira Perazzo

perfila aos que optaram por seguir a trilha dos historiadores que se empenham em trazer à tona a história subterrânea, dando voz aos “silêncios” da história oficial.

[www.editorahumanitas.com.br](http://www.editorahumanitas.com.br)

### Oralidade em Textos Escritos

DINO PRETI (ORG.)

O décimo livro da coleção “Projetos Paralelos NURC/SP” retoma um tema já tratado em livro anterior, ou seja, da influência da oralidade na escrita. Nesta obra, apresentam-se novos estudos sobre campos variados em que se observa a presença de marcas orais, como a gramática culta, as crônicas literárias, as cartas de escritores famosos, os textos escolares, os roteiros de novela, os diálogos teatrais. Inclui-se também um estudo sobre a transcrição de fala e os muitos problemas a respeito ocorridos em projetos como o NURC/SP.

Além de pesquisadores diretamente ligados ao Projeto NURC/SP e já conhecidos em livros anteriores, participam também da obra *Oralidade em textos escritos*, a linguista Maria Helena Moura Neves, pioneira em estudos sobre a gramática de usos linguísticos.

[www.editorahumanitas.com.br](http://www.editorahumanitas.com.br)



## INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - nº 53 - setembro e outubro de 2009



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Serviço de Comunicação Social – SCS

Prédio da Administração – Rua do Lago, 717  
Cidade Universitária – CEP 05508-900  
Telfax: 3091-4612 – Fone: 3091-4938 e 3091-1513

